

<b>Apresentação</b> Fernando Paulo Ferreira Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	Pág. 7
<b>Mário Sacramento: um ensaísta comprometido com a Liberdade e a Democracia</b> David Santos Diretor Científico do Museu do Neo-Realismo	Pág. 9
<b>Mário Sacramento</b> <b>A mediação infinita ou as "Asas de Ícaro"</b> António Pedro Pita Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares - CEIS20 - UC Co-curador da Exposição	Pág. 13
<b>Entre duas consultas: o ensaísmo de Mário Sacramento</b> João Tiago Lima Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora Centro de Investigação em Ciência Política (CICP)	Pág. 33
<b>O ensaísmo de Mário Sacramento e o horizonte plural da estética da ironia</b> José Cândido de Oliveira Martins Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa	Pág. 41
<b>Mário Sacramento: "Amarga reflexão, empenhamento incessante"</b> João Madeira Investigador do Instituto de História Contemporânea – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa	Pág. 59
<b>Mário Sacramento e o I Congresso Republicano de Aveiro</b> <b>Os novos caminhos de unidade democrática na luta contra a Ditadura – Uma Porta Aberta para o Futuro</b> Luís Farinha PHD História Contemporânea. Investigador Integrado do Instituto de História Contemporânea – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa	Pág. 79
<b>Quanto nos interpela e implica</b> José Manuel Mendes Escritor. Presidente da Associação Portuguesa de Escritores	Pág. 105
<b>Mário Sacramento e o Mar</b> Eunice Malaquias Vouillot Professora Aposentada. Doutora em Língua, Civilização e Literatura de Portugal e Países Lusófonos na Sorbonne (Paris)	Pág. 111
<b>CATÁLOGO</b>	Pág. 125
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	Pág. 177

## Entre duas Consultas: O ensaísmo de Mário Sacramento

João Tiago Lima

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora  
Centro de Investigação em Ciência Política (CICP)

*Há que pôr sempre uma carta nítida sobre a mesa,  
mesmo quando se perde a vaza.*

Mário Sacramento

A um olhar desprevenido de hoje, o ensaísmo de Mário Sacramento suscita diversas perplexidades, a primeira das quais tendo a ver com as indesmentíveis limitações exógenas que cercearam o trabalho intelectual de um médico e cidadão militante que fazia *Ensaaios de Domingo*. Preso pela polícia política do Estado Novo pela primeira vez com apenas dezassete anos, Mário Sacramento viveu sempre condicionado pela circunstância de ser um adversário declarado do regime, vendo os seus textos frequentemente cortados pela censura ou até mesmo interditos nas publicações periódicas para onde escrevia. Por isso, como salienta Eduardo Prado Coelho, «as teses de Mário Sacramento fundamentam-se em princípios e realidades de ordem teórica e política que o clima de censura não deixava nem formular nem debater» (COELHO, 1977: 84). Daí que, ao analisar o ensaísmo do autor de *Fernando Pessoa – Poeta da hora absurda*, seja necessário «destrinçar cuidadosamente em que pontos o impensado destes textos é apenas o informúlável que Mário Sacramento ia pensando e em que pontos é de facto o verdadeiro impensado do seu pensamento» (*Ibidem*).

Para além do estudo muito precoce dedicado à questão da ironia em Eça de Queirós, o ensaísmo de Mário Sacramento encontra-se principalmente nos três volumes de *Ensaaios de Domingo* (sendo que o segundo e o terceiro só serão publicados após a sua morte), no célebre ensaio *Fernando Pessoa – Poeta da hora absurda* (1959), nos livros que dedicou especificamente ao neorrealismo – o volume *Fernando Namora, a obra e o homem*, publicado sem data, mas previsivelmente de 1967, e o opúsculo *Há uma Estética Neo-realista?* do ano seguinte – e, também, no *Diário* póstumo, dado à estampa em 1975.

Para nos acercarmos da noção de ensaio em Mário Sacramento, talvez seja possível começar por um excerto deste mesmo *Diário*, onde se pode ler o seguinte:

«Homem de ensaio que me procuro nos outros, a minha crítica literária dói-se do que me recuso. Sou apenas um testemunho vivo e limitado dum ponto de vista cultural, em nenhum sentido especializado, que problematiza, entre o autor e o público, uma experiência de aprendiz de leitor em situação ou em órbita, como queiram» (SACRAMENTO, 1975: 124). Nesta autodefinição recorta-se, desde logo, uma perspectiva que visa situar o ensaísmo do autor dentro de um incontornável horizonte, a partir do

MÁRIO SACRAMENTO

**FERNANDO PESSOA**

poeta da hora absurda

CON  
TRA  
PONTO

Cat. [112]

qual expande aquilo a que chama um *ponto de vista cultural*, ponto de vista esse que, mais do que definitivo, é um lugar de partida, na medida em que faz da experiência de leitura um problema. Por outro lado, Mário Sacramento parece demarcar a sua ideia de ensaio de qualquer especialização.

No texto que aparece como “Vinheta” no primeiro volume de *Ensaio de Domingo*, Mário Sacramento insiste já – estamos em 1959 – no carácter, por assim dizer, não-profissional do seu ensaísmo. Até pela beleza plástica desta vinheta, vale a pena recuperar o texto na íntegra: «Morei sucessivamente, na infância, junto às casas de ensaio dos “novos” e “velhos” filarmónicos locais. Foi isso que fez de mim um ensaísta? Apraz-me supô-lo. Gostava de vê-los a caminho do ensaio, ainda em fatos de trabalho, rumorosos e barbudos, sopesando os instrumentos envoltos em guardas de chita ou cotim. E ouvi-os, pela noite dentro, ensopar o silêncio em saliva e suor.

Como eles, sou e serei um ensaísta de retalho, que semeia a escuridão de clangores torturados e síncope desabridas, alanceado por dispneias em falsete, e invariavelmente impróprio para o consumo em coreto. Ensaio, como eles, nas horas de folga,

MÁRIO  
SACRAMENTO

CADERNOS  
de LITERATURA

Há  
uma estética  
Neo-Realista?

publicações dom quixote

Cat. [77]

manhãs de domingo e serões da semana. E como eles sofro o terror da batuta, gavião insaciável do melhor que o peito dá e o sopro leva.

Aqui lhes deixo o meu solfejo. Aos novos e aos velhos. Homens de fé e de surdi-  
na. De trenos e amavios. Matutos e salivares. Com sonho ensacado em chita» (SACRA-  
MENTO, 1959: 7).

A vinheta, enquanto ilustração do género ensaístico, não poderia ser mais certeira. Desde logo, porque remete a justificação da prática do ensaio para o registo auto-  
biográfico ("Foi isso que fez de mim ensaísta? Apraz-me supô-lo"). De resto, a primeira  
das epígrafes do *Diário*, obra cujo título talvez devesse ter sido *Envelhecer (Jornal e  
Memórias)* e onde o ensaio e o registo íntimo muitas vezes se confundem, é também  
ela esclarecedora: «Mon métier, mon oeuvre, c'est ma vie». A frase escreveu-a original-  
mente, como é sabido, Montaigne, inventor do ensaio e a escolha que dela faz Mário  
Sacramento não pode ser fortuita.

Com efeito, a relação entre obra e vida é biunívoca. Não só a obra constitui o  
essencial da vida do ensaísta, mas também a vida é, ela mesma, ensaio, tentativa, lance,



Cat. [92]

desafio. Como se pode ler, de novo no *Diário*: «Quiseram (atenção: é infinitivo) fazer de mim um médico, um político, um crítico. Paro aqui, para encurtar razões. De tudo isso, mal ou bem, tenho feito um pouco. Mas numa única coisa me reconheço: no ensaio da vida. E cabe perguntar – pois existe tal coisa? Não há, aí, confusão com o ensaio propriamente dito, o diarismo, a autobiografia mental, as memórias virtuais? Não há confusão, tem disso tudo – à procura de vida. Repare-se que não digo à procura de meras vivências dum fernão-mendes-pintismo intelectualizado ou esteticista, mas de verdades experienciais, modeladas em ato, ou dimanadas da discussão e comprovação factual das hipóteses. Entende-se isto? Eu não só penso que o verdadeiro ensaio é isto, mas que só o próprio ensaio pode explicá-lo – sendo-o» (SACRAMENTO, 1975: 64).

Em interessante estudo que dedica ao ensaísmo de Mário Sacramento, Paulo Alexandre Pereira sublinha este ponto que se me afigura decisivo. Assim, «na vida como na arte, o gesto de ensaiar, balanceado entre a preensão e a preterição do mundo aceite como totalidade inabarcável, determina uma indeclinável missão avaliativa que não

quem proponha. E não há ensaio sem isso, ressalva feita do que por tal nome forneça gato por lebre. O ensaísmo é uma exigência que começa por nós. Pergunta: *que sei eu?* Mas pressupõe que tal questão vise uma resposta. Resposta problemática, mas resposta sem a qual a pergunta seria cética ou absurda, uma vez que ninguém pergunta em vão – a não ser por jogo» (SACRAMENTO, 1990: 116).

A necessidade de dar resposta à pergunta que é constitutiva do ensaio exige que este se posicione. Essa resposta, sendo por sua vez problemática, não é definitiva, mas, pelo facto de o não ser, nem por isso deixa de ser resposta, ou seja, decisão que vincula o ensaísta a uma perspectiva. Tal perspectiva, mesmo que censurada e por vezes mesmo autocensurada, aparece no *Diário*, publicado postumamente e já depois do 25 de Abril, como sendo diamática. Foi sempre essa a mundividência – camuflada atrás da expressão literária – de Mário Sacramento e dos elementos da sua geração. «Não tendo podido afirmar-se, no plano ideológico, filosófico e político-social, em termos de linguagem directa, dado os óbices da Censura, ausência de jornais e revistas, impossibilidades de reunião e agrupamento, apreensão de livros, prisões arbitrárias, etc., etc., a minha pobre geração adoptou a literatura como sucedâneo desses meios de comunicação e diálogo com a realidade» (SACRAMENTO, 1975: 31). Mas fê-lo, pelo menos nos seus melhores momentos, não deixando de problematizar a experiência desse diálogo com a realidade. Num desabafo motivado pelo que considera ser menos estimulante na obra de Fernando Namora, afirma: «sem um núcleo de indagação ensaística, de problemática latente ou oculta, a literatura deixa-me froixo» (SACRAMENTO, 1975: 53). No entanto, quando se refere a *Diálogo em Setembro*, não hesita em assinalar que «é a dimensão do ensaio que aqui empolga Namora, a qual é, de certo modo, uma experiência nova na sua obra» (SACRAMENTO, 1974: 96).

É essa condição problematizante que talvez melhor caracterize as páginas ensaísticas de Mário Sacramento. Nelas por vezes são cometidos “erros” (como quando, por exemplo, avança a tese de que o existencialismo corresponde a uma segunda fase no desenvolvimento dialético do neorrealismo), mas, por outro lado, são-nos oferecidas, ainda hoje, interpretações luminosas de poetas tão surpreendentes como Miguel Torga ou ... Herberto Helder. E isso com a mesma firmeza e autenticidade que conduziram a sua vida como ensaio. Escrita e vivida entre duas consultas.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- COELHO, Eduardo Prado – “Recensão Crítica a Ensaio de Domingo II de Mário Sacramento”. *Colóquio-Letras*, n.º 36, março de 1977, pp. 82-84.
- LIMA, João Tiago – *Falar sempre de outra coisa: Ensaio sobre Eduardo Lourenço*. Lisboa; Guarda: Âncora Editora; Centro de Estudo Ibéricos, 2013.
- PEREIRA, Paulo Alexandre – “A pequena enzima: o ensaísmo crítico de Mário Sacramento”. AAVV, coord. de António Manuel Ferreira, *Voltar a Ler Mário Sacramento*. Universidade de Aveiro, 2011, pp. 7-21.
- SACRAMENTO, Mário – *Diário*. Porto: Limiar, 1975.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio de Domingo*. Coimbra: Coimbra Editora, 1959.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio de Domingo II*. Porto: Inova, 1974.
- \_\_\_\_\_, *Ensaio de Domingo III*. Lisboa: Vega, 1990.